

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PRÁTICAS, CAMINHOS E CONSTRUÇÕES

Célia de Jesus Alves¹
celjeal2@hotmail.com

Natali Allas dos Santos²
nataligaiao@yahoo.com.br

Bartolina Ramalho Catanante³
bartolina@uems.br
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo

O presente artigo traz algumas reflexões acerca das questões étnico-raciais, sobretudo aquelas relacionadas ao negro e aos desafios por ele enfrentados na sociedade brasileira. Tais reflexões se dão a partir de uma experiência didático-pedagógica desenvolvida pelas autoras em sala de aula com estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental I, com a proposta de conscientizá-los sobre as questões étnico-raciais e combate ao racismo, discriminação e preconceito, valendo-se do lúdico e da arte como ferramentas para uma aprendizagem significativa e reflexiva. As questões étnico-raciais precisam ser amplamente difundidas na escola, pois sua ausência dificulta a construção de uma educação democrática. Se os professores e gestores não abordarem a temática racial na escola, quem o fará?

Palavras-chaves: Educação; Diversidade Étnico-Racial; Formação Docente.

Introdução

O presente artigo pretende trazer algumas reflexões acerca das questões étnico-raciais, sobretudo aquelas relacionadas ao negro e aos desafios por ele enfrentados na sociedade brasileira. Tais reflexões se dão a partir de uma experiência didático-pedagógica desenvolvida pelas autoras em sala de aula com estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental I, com a proposta de conscientizá-los sobre as questões étnico-raciais e combate ao racismo,

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional (2018-2020), ofertado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS.

² 2 Aluna regular do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Graduada em Artes Cênicas e Dança – Licenciatura (UEMS/2016).

³ 3 Professora Doutora do Programa de pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional de Educação em Educação – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Política e Planejamento Educacional, História, formação de Professores e educação para as Relações Étnico-raciais (GEPPEHER/UEMS). Presidenta do Grupo TEZ – Trabalho e Estudo Zumbi em Campo Grande – MS.

discriminação e preconceito, valendo-se do lúdico e da arte como ferramentas para uma aprendizagem significativa e reflexiva.

Apresentaremos aqui o resultado da análise da prática metodológica desenvolvida em uma escola pública, que culminou no trabalho de conclusão da disciplina Educação para as Relações Étnico-Raciais do programa de pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), do qual fazemos parte como alunas regulares.

As reflexões aqui tratadas dialogam com as bases teóricas de autores como Cavalleiro (2005), Munanga (2008), Santos (2010), Silva (2010), Cavalleiro (2005), Gomes e Martins (2009), tendo como ponto de partida o relato de experiência das autoras com a aula ministrada na escola sobre as questões étnico-raciais.

O primeiro tópico do artigo trata da importância e necessidade de se abordar a temática racial na escola, além de tecer uma reflexão sobre a formação dos professores e gestores acerca da temática racial. No segundo tópico são abordados os pontos principais da aula ministrada pelas autoras, como os procedimentos metodológicos adotados, a abordagem do conteúdo, a condução das discussões e o fechamento da aula.

As questões étnico-raciais precisam ser amplamente abordadas na escola, pois sua ausência dificulta a construção de uma educação democrática e justa. Gestores, professores e demais agentes da escola precisam ser devidamente orientados e instruídos para tratar das questões raciais, caso contrário, a escola continuará sendo um lugar reprodutor de ações e pensamentos que invisibilizam o negro e naturalizam o racismo ainda presente na sociedade brasileira.

Diversidade étnico-racial e a escola

É preciso reconhecer que o racismo existe no Brasil e estruturalmente ele se constitui como mecanismo de poder que determina as relações sociais estabelecidas dentro e fora da escola. Nessa perspectiva, o modo como se constroem as relações entre os sujeitos impacta diretamente nos diferentes grupos étnicos, sobretudo na cultura africana, cuja forte contribuição para a formação identitária do povo brasileiro é inegável.

Segundo Silva (2010), essa construção implica em acolher as diferenças na escola, “onde as contribuições de todos os povos para a humanidade estejam presentes” (p. 41), não

como informativos de prescrição, mas como elemento importante de conhecimento que conduz à compreensão e valorização da história da negritude.

Pesquisas em educação acerca dos estudos étnico-raciais revelam que as instituições escolares e seus agentes educativos, em especial o grupo de professores, demonstram despreparo e falta de iniciativa em desenvolver ações educativas e práticas de aprendizagem que contemplem uma educação para a diversidade (CAVALLEIRO, 2005). Além disso, existe a invisibilidade dada aos estudantes afrodescendentes no espaço da escola, o que dificulta a construção positiva da identidade negra. Isso acontece porque, conforme Munanga, os professores:

[...] por falta de preparo ou por preconceito neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. (MUNANGA, 2008, p.15).

Portanto, se as escolas ainda continuam a desconsiderar, negligenciar e até mesmo folclorizar os signos e representações étnico-raciais, como aponta Filice (2011), torna-se indispensável pensar e materializar uma educação multicultural e democrática que combata o silenciamento das expressões culturais do povo afrodescendente.

Educar para as relações étnico-raciais requer práticas e ações pedagógicas que conduzam para a consolidação da educação para a diversidade. A começar pela ruptura com as políticas que não fortalecem as reflexões e debates sobre a temática. Além disso, é necessária uma ação (in)formativa de saberes e conhecimentos teóricos referentes ao ensino de história e cultura africana e afro-brasileira para os professores.

Os professores estão preparados para falar sobre diversidade étnico-racial?

A proposta de abordarmos a diversidade étnico-racial e debater com os estudantes a situação do povo negro na sociedade brasileira (invisibilidade, discriminação, preconceito e racismo; processos de luta e valorização da identidade negra) gerou na equipe pedagógica da escola e nas professoras regentes da turma, um misto de espanto e entusiasmo. Os agentes da escola não receberam com naturalidade nossa proposta de aula, posto que parecia estranho nosso interesse em abordar o assunto (diversidade étnico-racial) com os estudantes.

Entretanto, tal reação diante da proposta de trabalho não nos surpreendeu, pois reconhecemos na escola a existência de práticas de racismo, preconceito e discriminação raciais que são consequência da formação ideológica da sociedade brasileira, consolidada a partir dos

conceitos hegemônicos da elite branca. Cavalleiro (2005) ao defender essa concepção, afirma que grande parte dos profissionais da educação:

[...] não teve a oportunidade de realizar, de maneira sistemática, leituras a respeito da dinâmica das relações raciais e do combate ao racismo na sociedade brasileira. Nessa trajetória acaba por trazer, em suas falas e práticas, referenciais do senso comum sobre as desigualdades entre negros e brancos na sociedade brasileira. (CAVALLEIRO, 2005, p. 82, apud PAIXÃO, 2008, p. 55).

Ainda que as políticas educacionais vigentes determinem legalmente uma educação para a diversidade étnico-racial e proponham diretrizes para o trabalho com a diversidade, é muito comum nos defrontarmos com pensamentos e práticas educativas em campo controverso e árido. Para acionar o desenvolvimento de ações com centralidade no tema, não bastam as leis. Gomes e Martins (2009) apontam para questões fundamentais de práticas e formação de professores e esclarecem que:

[...] o trabalho com a Lei nº 10.639/2003 ainda está restrito à boa vontade, ao desejo ou ao compromisso individual de docentes e pesquisadores. Para além dos problemas que tal situação acarreta, ela também traz um não enraizamento da temática étnico-racial e africana nos currículos e práticas pedagógicas desde a educação básica até a superior. Dessa forma, se o (a) docente, pesquisador (a) ou o coletivo de profissionais que articula tal discussão na escola e no curso de graduação e pós-graduação se ausenta, muda de instituição ou se aposenta, a discussão não tem continuidade. (GOMES; MARTINS, 2009, p. 90).

Abordar na escola a cultura negra e a diversidade racial não é tarefa fácil, pois os professores, em sua maioria, não possuem uma formação adequada para desenvolver a temática em sala de aula, principalmente no que se refere ao tema da racialidade (CAVALLEIRO, 2000).

O fazer pedagógico e a educação para as relações étnico- raciais

Diante dos inúmeros desafios impostos aos professores para abordagem das questões étnico-raciais na escola, nos empenhamos na elaboração e desenvolvimento de uma aula com situações de aprendizagens a partir do lúdico e da arte, enfatizando a diversidade étnico-racial, em especial a presença do negro na sociedade brasileira, propondo uma nova ação teórica, didática e metodológica sobre o assunto.

As propostas educativas devem garantir que os estudantes tenham experiências de aprendizagem com as diversas linguagens, permitindo que percebam e reconheçam que a sociedade na qual fazem parte (possuidora de uma cultura) é expressivamente marcada por imagens, sons, movimentos e expressões. Nessa perspectiva, é necessário valorizar o lúdico, a arte, a história e a literaturas (BRASIL, 2012).

A ludicidade e a arte foram o princípio metodológico da dinâmica do trabalho desenvolvido com os estudantes. O ponto de partida foi a abordagem de aspectos que marcam a cultura africana e afro-brasileira e que precisam ser apresentadas aos estudantes como patrimônio fortemente presente na formação da cultura do povo brasileiro.

O diálogo com algumas linguagens artísticas (dança, música e cinema) possibilita o despreendimento da pura razão por meio da valorização de outros campos de percepção e construção do saber, como a emoção e a afetividade, num processo de questionamento das representações elaboradas e introjetadas pelos sujeitos. Para Munanga:

O imaginário e suas representações em parte, situados no inconsciente coletivo, possuem dimensão afetiva e emocional onde brotam e cultivam as crenças, os valores e estereótipos que codificam as atitudes, é preciso descobrir e inventar técnicas de linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações. (Munanga, 2008, p. 19).

A abordagem sobre a diversidade étnico-racial feita com o grupo de estudantes não foi introduzida a partir dos males da escravidão no Brasil ou do raso e simplista discurso de que é feio discriminar. Ao contrário disso, buscamos elementos do patrimônio cultural brasileiro como referência que possibilitasse conhecer a história e a cultura afro-brasileira, assim como a importância de sua valorização.

A formulação de um trabalho pedagógico com esse patrimônio cultural, tendo como base a linguagem e as expressões artísticas, deve ser considerado como de fundamental importância para a construção de um novo entendimento sobre as histórias e as heranças culturais do povo negro ainda pouco valorizado e trabalhado no currículo escolar.

Apresentar aos estudantes outras representações simbólicas e materiais que questionam aquelas que negam a cultura do negro, revela uma postura de enfrentamento por parte dos professores que se opõem aos padrões hegemônicos, dominantes e hierárquicos que valorizam apenas uma cultura e desconsideram as outras. Segundo Gomes, cabe aos professores:

Compreender como os diferentes povos, ao longo da história, classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como esse fenômeno interfere na construção da autoestima e impede a escola de ser democrática [...] entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra. (GOMES, 2003, p. 77).

Perguntas e Bonecas para iniciar a conversa

A aula que ministramos foi iniciada com o levantamento de conhecimentos prévios. Foi perguntado aos estudantes se eles sabiam o que era diversidade racial. Dos 26 estudantes presentes na sala, apenas cinco se arriscaram a responder, e suas respostas revelaram o quanto o assunto era novo para eles. Palavras como “atividades”, “diversão”, “aprender” e “inteligente” emergiram por entre as respostas inseguras e tímidas.

Ao abordarmos as três raças que constituíram inicialmente a população brasileira (branca, negra e indígena), os estudantes puderam fazer um reconhecimento de si mesmos, com total liberdade para se autodeclararem conforme seu entendimento. Surgiram denominações como “pardo” (que de acordo com os estudantes é pertencente à raça branca), “moreno claro” (também pertencente à raça branca de acordo com os estudantes), “preto”, “mulato”, “loiro” e “moreno loiro”. Não houve na turma nenhum estudante que se declarou negro logo de início.

Depois da conversa inicial com os estudantes, levamos o foco da aula para a observação das bonecas que estavam expostas no centro da sala. Eram cerca de 30 bonecas de diversos tamanhos, cores, aparências e vestimentas expostas sobre mesas no meio roda. Após alguns minutos de observação, fizemos uma reflexão sobre a escassez de bonecas negras tanto ali no centro sala quanto nas lojas de brinquedos. Todos perceberam que as bonecas negras são raras.

Perguntamos aos estudantes: Que boneca você levaria para casa? Entregamos uma folha para que todos pudessem discorrer individualmente sobre a escolha da boneca, justificando sua resposta. Meninas e meninas manipularam as bonecas livremente e participaram da proposta sem resistência. Em geral os estudantes justificaram sua preferência por determinada boneca devido à sua cor de sua pele, tamanho, composição facial, tipo cabelo e até pelos sapatos. Muitos se identificaram com a aparência e cor de pele das bonecas (principalmente as meninas), e outros acharam alguma delas parecida com um membro de sua família (foi o caso de alguns meninos).

Sobre esse momento da aula, duas situações merecem destaque. Uma menina escolheu a boneca Barbie por considera-la bonita, “loira e comportada”, embora a boneca não tivesse nenhuma semelhança física com a menina que a escolhera. Outra menina escolheu um bebê negro e sua justificativa foi: “ela é diferente, igual eu, até gordinha”.

A questão racial e os problemas a ela relacionados foram se revelando no decorrer da atividade, embora para os estudantes fosse algo natural. Boneca bonita tem cor? Com qual

boneca eu me identifico? Ser gordinha e negra é ser diferente? O bom comportamento é representado apenas pela boneca loira? Cada manifestação surgida na aula reforçava ainda mais a necessidade de uma abordagem contínua e profunda sobre a questão racial, para assim (des)construir, descobrir e reconhecer pensamentos, pessoas, raças e culturas marginalizadas e invisibilizadas.

Exposição do filme Cores e Botas

Após a atividade com as bonecas, apresentamos aos estudantes um documentário intitulado Cores e Botas. Produzido em 2010, o documentário com duração de 15 minutos retrata a história de uma menina negra de classe média chamada Joana que sonha em ser Paqueta (denominação dada às cantoras e dançarinas, predominantemente loiras e magras, do programa da Xuxa Meneghel nas décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000).

No decorrer da exposição do documentário várias foram as manifestações dos estudantes em relação à aparência de Joana e suas ações. Mais da metade da turma deu risada na primeira aparição de Joana. Uma menina da turma disse que Joana, a negra, era diferente. O cabelo de Joana também foi motivo de riso e vergonha entre os estudantes.

Em vários momentos do documentário fizemos pausas estratégicas para discutir com os estudantes as questões que iam surgindo, como a família de Joana (representação de negros bem-sucedidos economicamente, mas discriminados pela sociedade); a discriminação enfrentada por Joana na escola; o olhar preconceituoso das professoras em relação à aparência de Joana no teste para Paquetas; a decepção de Joana ao não ser selecionada no teste e sua atitude de enfrentamento e superação da situação de rejeição (apresentada no final do documentário).

A exposição do filme explicitou aos estudantes a existência do racismo no Brasil e os desafios que o negro enfrenta em nossa sociedade. Eles puderam olhar com seriedade para uma realidade aparentemente natural e aceitável, mas que agora se tornava problemática e reprovável.

Para reforçar a valorização da cultura negra e o engajamento do negro em prol do respeito e reconhecimento, nos valem da dança e da música na última parte da aula. Era o momento de fixar o conteúdo abordado, os conceitos, ideias de enfrentamento e valorização de uma cultura em que o negro é protagonista, autor e criador.

Aprendendo no corpo

Para abordar a cultura afro-brasileira na aula ministrada, falamos inicialmente do Jongo da Serrinha, uma dança originada na região africana do Congo-Angola e trazida para o Brasil-Colônia pelos negros (escravizados) de origem bantu. É uma dança dos ancestrais (pretos-velhos escravos), com características profanas, mas revestida de religiosidade.

A dança Jongo da Serrinha foi trazida aos estudantes por meio de uma apresentação feita por uma das professoras, a partir de sua vivência com danças afro-brasileiras durante graduação em Artes Cênicas e Dança pela UEMS. Ao som da música Bendito (cantada pelo grupo musical Jongo da Serrinha) foi possível compartilhar com os estudantes um pouco da riqueza e da beleza da cultura afro-brasileira.

Os estudantes ficaram encantados com a dança e a música que ouviram. Eles estavam entusiasmados para dançar também. Por isso, para oportunizar aos estudantes uma prática corporal que convergisse com a proposta da aula e assim possibilitasse uma aprendizagem sensível da temática étnico-racial, optamos por estimular a expressão corporal de cada estudante a partir de uma música da cantora de *rap* MC Soffia.

A jovem Soffia é negra, tem apenas 14 anos e é uma cantora e compositora brasileira engajada na discussão de assuntos como preconceito e racismo. Na música Menina Pretinha, MC Soffia combate o racismo e valoriza a negritude ao falar das bonecas negras, do seu cabelo e do orgulho de sua cor. É uma música que leva à reflexão dos problemas raciais e empodera o negro.

Após contextualizar a música Menina Pretinha e falar da cantora MC Soffia, permitimos que os estudantes reconhecessem o ritmo musical (*rap*) e a partir daí dançassem para reafirmar seu propósito de respeitar a diversidade racial, combater o racismo e valorizar a própria identidade.

No começo os estudantes ficaram tímidos, mas depois de nos observarem dançando livremente, aos poucos eles começaram a participar. Foi um momento de euforia e libertação. Cada um dançou conforme suas preferências, se movimentando pelo espaço da sala, observando os demais e também experimentando novas possibilidades expressivas do corpo.

Em certo momento da aula quase todos os estudantes estavam dançando. Aqueles que por algum motivo não quiseram levantar das cadeiras (timidez, retraimento, falta de vontade), ficaram atentos ao que acontecia no centro da roda. As professoras que observavam a aula

também se permitiram dançar. A proposta foi bem recebida pelos estudantes. Ao final da terceira repetição da música fizemos um grito de resistência: “Racismo aqui, Não!”.

Considerações finais

A cultura do negro ainda hoje é abordada no ambiente escolar de forma superficial e desprezada do contexto histórico. Observamos que não são raras as práticas de racismo e preconceito que ocorrem dentro do espaço escolar e no dia a dia da sociedade, assim como não é rara a ausência da valorização e do respeito às diversidades étnico-raciais nas relações que permeiam o cotidiano.

O racismo é uma realidade e precisa ser reconhecido e tratado como um problema. Silencioso, velado ou até mesmo explícito, o racismo é uma das formas mais fustigantes desse processo excludente que ainda existe dentro e fora da escola, gerando discriminação, violência, preconceito e segregação.

Preocupa-nos ver que na escola as questões raciais ainda são negligenciadas e abordadas apenas como obrigação nas datas comemorativas. A surpresa e estranhamento dos agentes da escola diante de nossa proposta de aula reforça a necessidade de se fortalecer o debate sobre o assunto.

No entanto, sabemos que para fomentar a temática da diversidade étnico-racial na escola é preciso uma formação adequada para os professores e gestores, de modo a evitar a reprodução de ideias e pensamentos ultrapassados e equivocados, que amenizam os problemas enfrentados pelo negro no Brasil, que acreditam no mito da democracia racial, que acham desnecessário dar tanta importância para essa temática na escola.

Uma aula de apenas duas horas não é suficiente para abordar todas as questões étnico-raciais, principalmente aquelas relacionadas ao negro, sua luta diária e dificuldades que enfrenta em todas as esferas sociais. É preciso um trabalho contínuo, responsável e comprometido que combata ações e ideologias que invisibilizam o negro e sua cultura, que naturalizam posturas e pensamentos racistas e discriminatórios.

Reconhecer a forte presença do racismo na escola é o primeiro passo. Depois é preciso uma formação adequada que transforme e melhore a atuação dos agentes da escola, para que depois possam os estudantes receber os ensinamentos adequados, não somente nas datas comemorativas, mas todos os dias, em todas as situações em que o racismo e o preconceito contra o negro se revelarem. O desrespeito pelo outro é inaceitável, sobretudo quando for

motivado por questões raciais. Se os professores e gestores não atuarem para combater o racismo na escola, quem o fará?

Referências

BRASIL. Referencial Curricular para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>>. Acesso em: 20 jun. 2018

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. Educação e Poder: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo: Summus, 2000.

_____. **Discriminação racial e pluralismo em escolas**. Brasília: MEC; Secad, 2005.

CORES E BOTAS. Produção de Juliana Vicente e Nalu Béco. São Paulo: Preta Porte Filmes, 2010. 16 min. cor., som. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L18EYEGU0o>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

FILICE, Renísia Cristina Garcia. **Raça e classe na gestão da educação básica brasileira: a cultura na implementação de políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2011.

GOMES, Nilma Lino; MARTINS, Araci Alves. História da África e das Culturas Afro-Brasileiras: a construção dos plurais. In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas; GOMES, Maria de Fátima Cardoso (Orgs.). **Formação Continuada de docentes da educação básica: construindo parcerias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/jun./jul./ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

JONGO DA SERRINHA. **Página oficial**. Disponível em: <<http://jongodaserrinha.org/>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

MC SOFFIA. **Página do Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/mcsoffia/about/?ref=page_internal>. Acesso em 2 jul. 2018.

_____. **Menina Pretinha**. Rio de Janeiro, Bonga Produções, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2008.

PAIXÃO, M. **A dialética do bom aluno**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

SILVA. Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade – uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.